

EM BUSCA DO IDEAL PERDIDO **CAPÍTULO 5**

Acredito no idealismo e nos idealistas, mas não vejo um há muito tempo.

Bob Dylan

O momento da escolha da faculdade e de onde estagiar coincide com uma época de experiências, de descoberta do mundo, de amadurecimento. Ao contrário de um certo "sentimento trágico", que sempre existe na juventude e que tende a fazer com que as pessoas acreditem que todas as escolhas são para a vida inteira, esse momento serve para acolher e para descartar opções. A vida não está em jogo. Sempre será possível mudar. O importante é fazer escolhas baseadas na tentativa de reconhecer o próprio talento, deixando de lado as pressões do tempo, dos preconceitos e da sociedade.

Em um de seus suplementos semanais, o jornal *Folha de S. Paulo* publica, de vez em quando, episódios da história em quadrinhos "Vida de estagiário", de Allan Sieber. As tirinhas são ambientadas em uma agência de publicidade. O estagiário é vítima das maiores armações por parte de todos os outros profissionais. Ele sempre aparece com uma expressão em que se revezam — ou mesclam-se — ingenuidade e terror. Ao ver essas tirinhas, minha primeira reação foi de desagrado: achei-as um tanto exageradas, além de acreditar que transmitem uma imagem que poderia desestimular uma atividade tão importante como é o estágio. O próprio traço pareceu-me, a princípio, muito grosseiro. Mas logo percebi que, na verdade, essas historinhas retratam o que o senso comum acredita ser a vida de um estagiário. Senso comum, aliás, que não surgiu do nada: muito do que o autor dos quadrinhos usa para criar as situações que apresenta surgiu, de fato, em ambientes de trabalho reais. Além do mais, há duas histórias em especial que permitem aprofundar as questões que agora nos interessam. Afinal, o período que vai da escolha da faculdade até o ingresso no mercado de trabalho é um momento extremamente rico para todos. Cheio de esperanças, angústias, expectativas, descobertas, cobranças, erros e acertos. Vamos pensar um pouco — não importa se somos jovens, pais ou futuros pais de jovens assim — nessa época de florescimento e de ingresso na vida adulta e profissional.

Observe os quadrinhos de Allan Sieber reproduzidos ao lado.

O personagem estagiário passa o dia inteiro no trabalho — neste caso, uma agência de publicidade — sem ter o que fazer. Lê, toma café, brinca com joguinhos de computador e o tempo todo há algum funcionário o repreendendo. Então, ele perde a paciência e pede que lhe dêem o que fazer. O mundo cai em cima dele, numa gargalhada: "Ninguém vai lhe dar o que fazer porque você não sabe fazer nada...!". É uma situação irônica, mas traz dois lados de uma mesma moeda: o erro do estagiário e o erro do grupo de profissionais. Ora, mas o "coitado" do estagiário está errado? Não deveria haver alguém ali para lhe dar tarefas?



(*Folha de S. Paulo*, 15/1/2001, suplemento "Folhisteen")

Caro leitor, nem sempre o estagiário vai encontrar alguém que lhe dê orientações e tarefas o tempo todo. Obviamente, na maior parte das empresas existe uma estrutura que "encaixa" o estagiário na organização, mas sem servir-lhe de babá. É claro que a situação mostrada na tirinha é uma situação-limite. No entanto, mesmo havendo a tal estrutura que mencionei para acolher o estagiário, ele precisa ter iniciativa. Qual é sua função em uma empresa? Conhecer o trabalho, aprender algumas coisas, conviver com a área. O estagiário não é um empregado. Ele está ali sem remuneração, ou com uma bolsa-está-

gio, para ver, na prática, como se dá o trabalho profissional que, teoricamente, ele deve estar aprendendo na faculdade ou mesmo em um curso técnico. Então, se ninguém lhe deu nada para fazer, ele deve aproveitar o tempo para buscar informações, visitar os diversos departamentos da empresa e, principalmente, fazer perguntas. Perguntar, perguntar, perguntar. Acredito que poderíamos definir o estagiário como sendo um perguntador por excelência.

Note que há um componente interessante aqui. O profissional inquirido pelo estagiário até pode fazer cara de enfado, demonstrando ares de quem está muito ocupado, mas, no fundo, fica lisonjeado por alguém — mesmo sendo um estagiário — se interessar por seu trabalho e por enxergar nele uma pessoa que pode fornecer informações importantes. Sempre digo para os jovens o seguinte: faça um favor para seu chefe, pergunte. O amor-próprio dele e, por que não dizer, a velha e boa vaidade, ficarão a seu favor.

Principalmente: não tenha medo de perguntar coisas aparentemente óbvias. Ao chegar a um ambiente de trabalho do qual não conhece a rotina, os detalhes, os dogmas, a cultura etc., um estagiário pode enxergar coisas que, de tão cotidianas, tornaram-se "invisíveis" para quem já está mergulhado naquela estrutura. E ao discutir sobre algo que parece "óbvio", poderá estar levantando uma questão muito importante e que passou despercebida por todos na organização, mesmo que não saiba disso. É o olhar externo, o estranhamento ou, para retomar a comparação feita no capítulo anterior, a atitude perguntadeira da criança, que estimula a criatividade e encontra novos usos, significados e processos. Em meu livro anterior, apresentei a idéia do "insultor interno", ou seja, alguém que tivesse como única função perguntar, questionar, colocar em xeque até mesmo as rotinas mais comuns. Ora, o estagiário pode muito bem assumir esse papel.

Assim sendo, o erro do estagiário caricato da história em quadrinhos é ficar esperando por alguém que lhe diga o que fazer, como se comportar, aonde ir. É uma atitude comodista e pouco recomendá-

vel. Aliás, não é nada recomendável. Mas os profissionais da agência de publicidade apresentados nas tirinhas, igualmente caricatos, também erram ao dizer de forma negativa — "tirando sarro" — que o estagiário não sabe mesmo fazer nada. Mais uma vez, a verdade é que não se espera nem se deve esperar que um estagiário saiba fazer algo. Ele deve apresentar, mais do que qualificação, uma certa maturidade, disciplina organizacional e capacidade de tomar decisões. Ou seja, agir como um profissional, ainda que do ponto de vista do conteúdo de seus conhecimentos e qualificações ele esteja longe disso. E vai estar mesmo. Vamos pensar um pouco mais sobre essa questão daqui a algumas páginas, mas desde já quero deixar um ponto bem claro: a facilidade, por melhor que seja, não forma "profissionais".

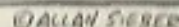
É claro que tudo isso tem de ser feito com humildade e jogo de cintura. A fronteira entre o perguntador e o chato é muito tênue. Não devemos ter medo de ser chatos, mas não podemos ser inconvenientes. É fundamental perceber quais são os momentos mais apropriados para abordar alguém, a forma dessa abordagem, a educação no trato com os profissionais, tudo isso é fundamental.

Saber perguntar é uma arte que reside na humildade, não na humilhação, como fez o estagiário das tirinhas. Uma boa maneira de calibrar a própria humildade é não se achar estúpido, mas também não se considerar um gênio. Farei uma comparação usando uma frase que ouvi do diretor de uma empresa quando se dirigia à sua secretária recém-contratada. Talvez o comentário seja "politicamente incorreto", mas a história é esclarecedora e, na verdade, não passou de uma brincadeira. O executivo sugeriu que sua nova secretária evitasse usar sandálias muito abertas. "Dê preferência a sapatos fechados. Dou essa sugestão a todas as profissionais aqui da empresa", ele disse. E explicou: "Para usar sandália aberta, é preciso ter pés bonitos. Como apenas uma pequena porcentagem das pessoas têm pés bonitos a ponto de poderem ficar expostos o dia inteiro, é melhor não arriscar". Não sei se concordo com ele, por isso levei o comentário na brincadeira, mas tirei dessa situação uma lição no campo do pensamento: nunca

Um pouco dessa situação de conflito, gerada por uma opinião dada de forma açodada, aparece na segunda história em quadrinhos. É claro que nessa história, que mais uma vez tem o objetivo de buscar a caricatura e o humor, o autor concebe um chefe enlouquecido, que destrata publicamente o estagiário e zomba da idéia dele, mais tarde repetida por um outro funcionário na ausência do estagiário e recebida como sendo “boa”. Essa “crueldade” pode até ser encontrada em algumas empresas, obviamente não nesse patamar de loucura.

Levando um pouco a sério a situação descrita nos quadrinhos, podemos dizer que o estagiário não soube avaliar sua posição na empresa e a forma correta de expor uma idéia perante os funcionários. Mas isso também não adiantaria nada para esse personagem tão maltratado — pela lógica das histórias, ele é maltratado sempre.

Tudo que vimos até aqui nos leva a uma outra questão: o estágio serve para aprender, perguntar, conhecer e também para avaliar se determinada empresa ou campo de trabalho, para o qual você está se preparando, é mesmo aquilo que você imaginava. O estágio não se destina apenas a abrir portas no mercado. Serve também para saber que portas você nunca vai querer abrir. Por exemplo, imaginemos um estudante de jornalismo, bastante entusiasmado com a faculdade, que sonha em ser repórter. Ao estagiar em uma grande redação, percebe que o clima entre os profissionais da área é de extrema urgência e de constante nervosismo. Além disso, observa que, nos momentos de fechamento — horário em que tudo deve estar pronto para ir para a gráfica —, instala-se um clima que, para ele, beira a loucura. Bem, esse choque de realidade, com a qual ele não teve contato na faculdade ao “trabalhar” no jornal-laboratório, pode significar uma mudança de opinião sobre



a área em que pretende atuar. Caso constate esse tipo de cotidiano como sendo insuportável, acabará por direcionar sua atividade para outro campo, dentro do próprio jornalismo até — assessoria de imprensa, redação de uma revista mensal ou algum outro ambiente menos agitado. Esse estudante pode até mesmo começar a pensar em escolher outra profissão.

Pode ser o caso, também, de nosso hipotético estudante de jornalismo procurar fazer um estágio na redação de algum outro jornal, para confirmar se o cotidiano de trabalho que o desagradou é característico de todas as redações — talvez tal rotina de trabalho seja comum apenas na empresa em que fez seu primeiro estágio. Nesse caso, em vez de mudar de área, vai saber que determinada empresa tem uma cultura incompatível com sua forma de trabalhar.

O personagem da história em quadrinhos é como o estudante descrito no parágrafo anterior, só que a situação que ele vive está reproduzida de maneira exagerada. Da maneira como é tratado, terá certeza de que a agência em que está estagiando é formada por um bando de malucos, e não terá nenhum interesse em trabalhar nela. Poderá buscar estágio em outra agência para saber se isso é uma característica da profissão ou daquela agência em especial. Desse modo, o estágio serve para dizer sim e para aprender também a dizer não.

Por fim, o estágio pode ser uma porta de entrada para o mercado. Se o estagiário se identificar com a empresa e conseguir destacar-se por sua atuação, muito mais do que por seus conhecimentos, sempre haverá chances de receber, ao final do estágio, uma proposta de trabalho. É pensando no estágio como forma de recrutamento que muitas empresas mantêm contatos permanentes com diversas escolas, faculdades e universidades para atrair os melhores alunos para seus programas de estágio. No entanto, muitas vezes acontece de um estagiário que foi bem durante o período em que atuou na empresa acabar não sendo efetivado. Isso não significa “uma derrota”. Ser estagiário e depois não ser con-

tratado é uma situação extremamente normal e comum. Ser contratado é a exceção. Tal fato precisa ficar bem claro para que não sejam criadas falsas expectativas no momento de iniciar um período como estagiário.

Poderemos visualizar todos esse pontos no quadro abaixo.

O que se espera de um estagiário?	Um mínimo de maturidade, disciplina e capacidade de tomar decisões. Não se espera muita qualificação
Para que serve o estágio?	Para confirmar, na realidade, se é isso mesmo que você quer, verificando a diferença existente entre a teoria e a prática Para definir dentro da profissão o segmento ao qual você deseja se dedicar Para adquirir conhecimentos suplementares Para, em alguns casos, funcionar como “porta de entrada” na empresa

O número de candidatos a estagiário, anualmente, é altíssimo. O CIEE (Centro de Integração Empresa Escola), que responde por cerca de 15 por cento da demanda total de estágios no país, chamou no ano 2000 um total de 858 mil estudantes. Desses, 151 mil tornaram-se estagiários — ou seja, passaram pela seleção das empresas. Veja, conseguir um estágio com o apoio de uma instituição como o CIEE é um funil, pois para cada candidato que consegue uma colocação, foram chamados 5,7 outros candidatos. Não há estatísticas de emprego pós-estágio, mas tenha a certeza de que um número muito menor, entre os 151 mil que conseguiram vaga como estagiário, acabou ficando nas empresas.

Nesse ponto, acredito ser importante fazer uma distinção que nem sempre é clara, embora seja fundamental: a diferença entre estagiário e trainee. Diferentemente do estagiário, o trainee é um profissional contratado, com carteira assinada e todos os direitos trabalhistas. A empresa o contrata nos primeiros anos depois de

formado e monta um plano de preparação para que ele assuma cargos de média e alta gerência. O estagiário ainda está na faculdade, o trainee já se formou — ainda que tenha sido selecionado no último ano de seu curso. Os programas de trainee, estes sim, são portas de entrada para o mercado de trabalho: ser trainee significa inserir-se em uma empresa e ser alvo de investimentos e de preparação específica.

Aqui, a concorrência é ainda mais alta que entre os estagiários. Há empresas que atraem até 20 mil candidatos para 30 vagas... É claro que, nesse exemplo, existe um problema por parte da empresa, que talvez esteja levando a efeito um processo indiscriminado e sem critérios para a inscrição de candidatos. Mas o fato é que existe essa demanda gigantesca.

Espero que essa nossa discussão ajude candidatos e empresas a enxergar a real dimensão de um processo de estágio, fase da vida de um estudante que serve para satisfazer a curiosidade, ampliar o foco e para aprender um pouco sobre sociabilidade profissional. E, como resultado, pode levar a confirmar ou a modificar as opções profissionais dos estagiários.

Bem, quando digo em palestras ou conversas que o estágio não é uma grande porta de entrada e que além de tudo pode servir para alguém abandonar a opção profissional que havia feito, sempre vejo uma reação de espanto e de incredulidade por parte dos jovens. Mas como, dizem eles, abandonar uma profissão quando se está na segunda metade da faculdade? Mas que história é essa de confirmação? Como, então, o estagiário tem sempre poucas chances de contratação? E seguem-se sempre outros mas, mas, mas...

Existe, por parte da juventude, um curioso sentimento de trágico: parece que tudo é decisivo, para o resto da vida. Esse sentimento faz com que, para muita gente, os verdes anos de experimentação, de descoberta do mundo e de si mesmo, de curiosidade e alegria transformem-se em angustiantes anos, durante os quais se tem a impressão de que está em jogo todo o destino de alguém. Existe um

pressuposto de que é preciso fazer tudo muito rápido para não “perder tempo”. E porque não podem “perder tempo”, muitos jovens acabam tendo grande dificuldade para reorientar as próprias opções, para desistir do que acabou se mostrando diferente do que imaginavam ou queriam. Não existe uma lei natural, que determina para os seres humanos a necessidade de terem clareza acerca de suas vocações, gostos, habilidades e prazeres aos 16, 17 ou 20 anos. Para cada indivíduo existe um tempo diferente de amadurecimento, uma temporalidade interna, que deve ser respeitada.

Assim, quando alguém se espanta quando digo que é possível mudar de opção por causa do estágio, ainda que no último ano de faculdade, até mesmo prestar um outro vestibular, respondo que se o estágio produziu esse efeito, ele foi melhor do que a encomenda. Claro: produziu autoconhecimento, amadurecimento e capacidade de tomar uma decisão importante sobre a própria vida, enfrentando as consequências e desafios desse ato. Isso é se tornar autônomo. Isso é se tornar adulto. Isso é se tornar humano.

Dito isso, podemos agora retroceder um passo e nos perguntar sobre o momento de escolher uma faculdade.

o que vou fazer da minha vida?

Toda a estrutura de análise que desenvolvemos até aqui, desde o início do livro, já deve ter sido suficiente para os leitores mais jovens perceberem que o mundo do trabalho caminha na direção do rejuvenescimento. Ou seja, criativo, curioso, aberto a riscos, sempre pronto a encarar mudanças. O que eu acho às vezes incrível é que, na contramão desse movimento, muitos jovens caminham na direção do envelhecimento acelerado. Não estou falando de idade cronológica — o que me interessa é a idade das idéias. Um dos mais claros sintomas desse envelhecimento precoce é a crença desmedida de que a opção por um ou outro curso superior determinará toda

a vida de uma pessoa. Afinal, o que é uma faculdade? Nós fazemos o primeiro grau, o segundo grau e depois o terceiro grau. Pense um pouco assim: o curso superior é uma etapa de seu processo de formação e está longe de ser definitivo.

Em primeiro lugar, é sempre possível entrar em uma faculdade, acompanhar um ou dois anos e então perceber que a escolha estava errada. Trata-se, então, de fazer um outro vestibular e começar um novo curso. Esse dois anos que se passaram não foram perdidos, foram ganhos. Como no caso do estágio que eu comentei anteriormente: se em dois anos você foi capaz de amadurecer a ponto de descobrir sua vocação, ou pelo menos perceber que aquilo em que você acreditava mudou, então você amadureceu. Ganhou muito mais do que pode imaginar.

A faculdade, sempre vista como uma etapa "profissionalizadora", é muito diferente disso. Uma boa faculdade serve para formar pessoas com capacidade de raciocínio, de análise e de crítica. Ela nos ensina a aprender por conta própria. É claro que muitos cursos possuem um conteúdo técnico bastante específico, sem o qual não é possível exercer determinada profissão. Mas isso também é um treinamento de aprendizado: o médico desenvolve seu saber na residência; o advogado, nas primeiras causas; o engenheiro, nas primeiras obras. A faculdade nos torna bons aprendizes, não faz de nós profissionais.

E qual é o centro da decisão sobre o curso a ser seguido? Pense um minuto em tudo o que conversamos até agora: a resposta é talento. É quase um despropósito escolher um curso superior pensando exclusivamente nas possibilidades profissionais no futuro. Primeiro, porque o mercado é tão veloz que profissões em alta hoje podem estar em vias de desaparecer daqui a cinco anos. Além do mais, se o caminho escolhido não for aquele que reúna seu prazer, seu empenho e sua dedicação, dificilmente você será mais do que um operador na profissão que escolher. Lembra-se do caso da encenação teatral que mencionei no capítulo anterior? Ao fazer uma

opção guiada não pelas próprias convicções, mas por imposições de mercado, de amigos, de família, de preconceitos ou por qualquer outra, você está abdicando daquilo que é mais precioso na construção de sua vida: a autonomia e a responsabilidade.

Portanto, o momento de escolher uma faculdade requer, como no caso do planejamento estratégico que esboçamos páginas atrás, uma profunda análise na tentativa de conhecer-se melhor. É nesse sentido, por exemplo, que proliferam alguns testes ou técnicas de orientação vocacional. Eles têm seu valor, mas cuidado! Esse teste é feito num momento, em geral, de certa confusão e de falta de direcionamento. Assim, muitos tendem a agarrar-se aos resultados como se fosse uma tábua de salvação. E não é. Se você tem jeito, características e habilidade para ser médico, por exemplo, mas não se sente mobilizado pela profissão, não se sente disposto a se lançar nela como uma criança se lança a seu brinquedo, isso não é vocação, não leva ao desenvolvimento do talento.

Vocação, no seu sentido próprio, vem da palavra voz — possui a mesma raiz de *vocal*. É, figurativamente, um chamado interior. Muitas vezes, caro leitor, aos 17, 18 ou 19 anos de idade, somos surdos a esse chamado. Não temos experiência suficiente, ou maturidade, para compreender o que realmente desejamos. Nesses casos, um teste vocacional ou a influência da família, da economia ou da sociedade podem fazer o papel de ventríloquos, simulando um chamado interior que não existe.

Desse modo, é preciso recolocar a opção por um curso superior em sua devida dimensão: não se trata de uma escolha definitiva, mas de um experimento que pode se confirmar como sendo o caminho do talento ou que pode nos amadurecer até termos condições de compreender qual é a opção correta. Você vai me dizer que existem pessoas que sabem, desde criança, o que querem fazer da vida. Isso é verdade, mas é a minoria. De fato, essas pessoas não vão enfrentar grandes dilemas na hora de fazer sua escolha, pois identificaram seu talento antes das outras. Apenas isso. Não significa que

sejam mais talentosas ou especiais. Elas só foram precoces. E mesmo assim, há casos em que essa vocação "desde a infância" cai por terra durante a juventude. E aí nem sempre há coragem suficiente para deixar de lado os sonhos acalentados por muito tempo...

É preciso pensar também que cada vez menos a formação acadêmica define a profissão. Há casos de engenheiros que viraram administradores, médicos que viraram jornalistas, advogados que viraram atores... Algumas vezes, fizeram uma outra faculdade. Outras, uma especialização ou pós-graduação. Em outras, ainda, apenas migraram de uma profissão para outra sem terem uma nova formação específica.

Isso tudo significa que escolher uma faculdade não responde à pergunta "O que vou fazer da minha vida?". O curso superior, o terceiro grau, é uma etapa da formação, importante sem dúvida, mas não definidora de todo o nosso futuro. Por isso, tão importante — ou até mais — quanto escolher o curso que se deseja fazer após o término do colégio é nos preocuparmos com a qualidade desse curso, seja em que área for. Por qualidade entendo a possibilidade de ter uma "formação" de pensador crítico e cidadão, aliada à competência técnica da área específica à qual o curso é destinado. Ética, responsabilidade, metodologia, visão ampliada de mundo, enfrentamento de desafios, multiplicidade de experiências — essas são algumas características que um curso universitário de bom nível deve oferecer. Depois dele, poderão vir outros cursos ou outras atividades, desde que tenhamos desenvolvido a capacidade de pensar, de conhecer e de nos desenvolver por conta própria.

eu tenho um sonho

O mês de maio de 1968 foi histórico. Uma série de manifestações estudantis explodiu em vários países. O estopim havia sido, três anos antes, um movimento universitário nos Estados Unidos. Os estu-

dantes organizaram passeatas, greves e invasões de reitorias para exigir mudanças no sistema educacional. Em 1968, na França, esse movimento ganhou contornos ainda mais fortes: parecia o início de uma revolução, e se espalhou pelo planeta. O que os estudantes queriam? A partir de críticas ao sistema educacional, partiram para o questionamento de muitas instituições e formas de vida da sociedade da época. Seu slogan: "A imaginação no poder". Era um movimento estudantil, mas intimamente ligado a questões sociais e políticas, nacionais e internacionais. Esses jovens perseguiram um ideal.

No Brasil, há poucos anos, tivemos uma amostra em escala reduzida dessa capacidade mobilizadora dos estudantes durante o processo que culminou com a cassação do mandato do então presidente Fernando Collor de Mello. Quem não se lembra dos "caras pintados"? Tenho dúvidas quanto ao grau de aprofundamento da consciência dos jovens que foram às ruas naquele momento, em passeatas. Mas não tenho dúvidas de que estavam movidos por ideais. Ainda que difusos, esses ideais se materializavam em exigências de ética, justiça e moralidade. Materializavam-se no sonho de um país e de um mundo melhor.

Esse é um ponto intrigante, que compõe o quadro de "envelhecimento precoce" de muitos jovens de hoje: a incapacidade de abraçar um sonho. Mergulhados, como muitas vezes estamos, na necessidade de não perder tempo, de nos integrar rapidamente ao mercado, de ganhar muito dinheiro etc., etc., quantas vezes não nos colocamos em uma posição individualista e exclusivamente "mercadológica"? Como é possível ser jovem sem ser um perseguidor do impossível? Muitas vezes, ao conversar com profissionais em início de carreira ou com estudantes de segundo e terceiro graus, perguntei sobre os sonhos deles, sobre os ideais que acalentavam. E com frequência obtive respostas que pareciam sair de um mesmo gravador: ter sucesso na carreira, ganhar muito dinheiro, ocupar posições de destaque. Não há problema nenhum em querer essas coisas. O problema é querer *apenas* essas coisas.

O impulso de transformação do mundo que movimentou os jovens norte-americanos, franceses, brasileiros e tantos outros na década de 60, assim como os jovens chineses em anos recentes, parece ter se perdido. E no entanto é no sonho, no ideal, no desejo do impossível, que se revela a força que existe em ser jovem e desenvolver um talento. Os jovens dos anos 60 arriscaram de algum modo pensar na possibilidade de um mundo diferente daquele que então existia. O que me pergunto hoje, e lanço a pergunta a você também, caro leitor, jovem de qualquer idade: É possível pensar um projeto de vida feliz e humana sem pensar ao mesmo tempo em um projeto mais justo e mais humano para todos? Os jovens de 1968 acreditavam nisso. Os jovens de hoje acreditam pouco.

No entanto, mais do que nunca, a preocupação social e os esforços para diminuir as injustiças e as desigualdades entre as pessoas começam a se tornar valores também de mercado. Temas como responsabilidade social, trabalho voluntário, envolvimento com a comunidade e humanização passam a freqüentar as conversas e as estratégias de executivos e empresários. Há várias razões para isso, e nós as discutiremos neste livro. Por enquanto, gostaria de propor uma reflexão cuidadosa acerca do seguinte tema: Quanto um ideal, por mais impossível que pareça, não nasce da fusão entre talento e motivação? Quanto um ideal é, ao mesmo tempo, combustível para o sucesso pessoal e para o sucesso também de iniciativas que permitam transformar, para melhor, as condições de vida de cada vez mais pessoas?

Abordei essas questões neste capítulo que, de certa forma, é especialmente dirigido aos mais jovens, numa tentativa de indicar que a opção profissional, a escolha de uma faculdade, de uma carreira e de uma profissão são apenas aspectos de opções muito mais importantes, tais como: Que papel desejo desempenhar no mundo? Qual é meu ideal? Qual é a importância social do meu talento?